

Primeira mulher a ocupar a presidência da Roche Farma Brasil, Lorice Scalise fala sobre saúde feminina, união de gênero e o papel delas na sociedade

Por mais **articulação** entre as **mulheres**

POR MALCIA AFONSO

Primera latino-americana, primeira brasileira e primeira mulher a ocupar a presidência da Roche Farma Brasil, Lorice Scalise, 51 anos, quebrou uma hegemonia masculina de mais de nove décadas, ao assumir o cargo em 1º de abril de 2023. “Parece mentira, mas é verdade”, brinca. Paulista de Borborema, juntou-se ao time de uma das maiores indústrias farmacêuticas do mundo em 2000. Desde então, trilhou um caminho de sucesso na corporação, com passagens pela Suíça e pela Argentina,

onde também foi a primeira mulher a liderar a Farma da Roche naquele país.

A luta pelos direitos das mulheres e para que ocupem o devido espaço nos centros de decisão é uma missão de vida para Lorice. De acordo com ela, um dos grandes problemas é a desarticulação entre as mulheres. No evento Roche Press Day: Mulheres, saúde e equidade, realizado na Cidade do Panamá, Lorice conversou com o **Correio** sobre temas como violência contra a mulher, machismo e políticas públicas.



Vivian Koblinsky

A indústria farmacêutica é tradicionalmente liderada por homens. Como está sendo a experiência de comandar a Roche Brasil? Houve algum tipo de resistência?

Não acho que exista resistência. Temos um machismo estrutural mundial. A gente vem de um mundo onde o patriarcado é o modelo. E o patriarcado, além da questão do homem, tem a ver com essa questão da força, da direção, de uma energia talvez bastante masculina, porque os arquétipos são masculinos. O maior desafio, não só aqui no Brasil, mas também senti a mesma coisa na Argentina, é que quando sentamos, pela primeira vez, numa cadeira que, por quase um século, foi dominada ou teve uma presença masculina, existe esse arquétipo. Em um primeiro momento, sinto que todo mundo te dá as boas-vindas, todo mundo fica feliz. No momento seguinte, todo mundo espera de você o modelo que existia antes. E eu não

sou aquele modelo, inclusive porque faço um esforço muito grande para me manter muito fiel a quem eu sou. O modelo que tenho é o de habilidades e de características para contribuir para a posição.

Você tem uma carreira de sucesso. É mãe solteira, com três filhos adultos, e cuida da sua mãe, que tem 84 anos. E uma das posições manifestadas no Roche Press Day, que reuniu especialistas e jornalistas da América Latina, é a de que a mulher deveria ter direito a pausas na carreira, para ser cuidadora, e depois retomá-la. Você compartilha dessa opinião?

Um dia, escutei uma mulher falando que abomina essa questão de que nós somos naturalmente cuidadoras, e adorei. A cuidadora também foi um arquétipo criado para nós. Existimos desde sempre. Na sociedade patriarcal, a mulher é colocada nesse lugar

de que ela cuida. Mas questiono isso. Acredito que as responsabilidades podem ser divididas, compartilhadas, e que homens e mulheres têm espaço para cuidar. Um exemplo pessoal disso — o meu filho mais novo, quando me mudei para a Suíça, em 2014, tinha 9 anos. Por diferentes razões e contingências, ele não foi comigo, foi cuidado e é cuidado pelo pai dele, e superbem. Na redefinição do papel das mulheres, na nossa inserção dentro da economia mundial e nas posições de trabalho, temos também que discutir, redefinir a posição dos homens, porque eles também têm um lugar a ocupar. É lindo ser pai.

A licença-maternidade, por exemplo, é de quatro meses, enquanto o pai tem apenas cinco dias...

Quando pensamos na redefinição dos papéis, uma questão estrutural, que deveria ser repensada, é com relação a isso. A licença-maternidade é uma conquista de uma luta maravilhosa das mulheres. Mas, hoje em dia, ela é um